

O "CENTRO DE CIÊNCIAS, ~~LETRAS E ARTES~~" DE~~CAMPINAS~~SUO CINQUENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO E UM DOS SEUS FUNDADORES:JOSE DE CAMPOS NOVAIS

O "Centro de Ciências, Letras e Artes", de Campinas comemorou, em sessão especial, no dia 31 de outubro, cinquenta anos de existência. A sua atual diretoria, por um dos seus componentes, Godofredo Augusto de Pádua e Castro, meu velho amigo, contemporâneo de curso ginásial e frequentador, como eu, da sede do "Centro" nos seus primeiros anos, convidou-me para relembrar nessa comemoração as figuras dos primeiros diretores e do grupo de homens de saber que tomaram sobre os ombros o pesado leme dessa fundação.

Haveria em Campinas, sem dúvida, gente mais habilitada pela continuidade da vida naquele sodalício para se incumbir de uma tal evocação. Em reunião, entretanto, o conhecimento e a idade e neste último requisito só seria batido - com alegria, está claro... - por uns poucos sobreviventes do grupo fundador.

Para lá fui e lá dei o desempenho que me pareceu melhor à grata comemoração. Tive que mergulhar neste passado de meio século e recorri aos primeiros números da revista daquele instituto cultural - aos meus e aos da sua biblioteca e completei a oração com o alforje da memória que tenho bem fornido de recordações daqueles anos. Devendo essa oração, cingir-se aos nomes e trabalhos dos fundadores, destaquei deles as duas figuras que foram, sem dúvida, as mais eficientes e decididas naquelas árduos esforços: César Bierrenbach, o insubstituível

dinamo que agremiou os primeiros companheiros que pouco excediam de meia dúzia, e José de Campos Novais, presidente de 1902 a 1904, sábio rebuscador de antiguidades caldáticas (ou caldeanas, como escrevia ele), mestre de botânica e ciências naturais, que era capaz de consumir, um mês inteiro a examinar, cheirar, mastigar e desfilar raízes e caules para lhes estudar a composição das fibras, as ligações remotas com famílias, classes e espécies conhecidas, com essa meticulosidade que nunca esteve na vocação da nossa gente. Foi um tipo curioso de homem, um erudito de gabinete e de laboratório, permanentemente engolfado na leitura de obras ponderosas e graves, e nos preparos de laboratórios, esquecido e isolado do mundo, espécie de ermitão lazarista que, afinal, acabou, por força desse isolamento, esquecido e evitado pela gente que o conhecera, e para a qual então aparecia como misantropo e "esquisitão".

Mas revendo o que Campos Novais escreveu, produziu e publicou - e muitíssimo mais produziu e guardou no seu opulento, massudo e desorganizado arquivo, tomei-me de imensa admiração por esse homem de vida tão alheia à sociedade em que respirava e na qual possuía uma parentela numerosa com a qual, no entanto, só se ligava em rápidas visitas ou em horas de luto. A "sua família" era outra: eram os amigos do Instituto Agrônomico - fitopatologistas, químicos, investigadores de laboratório, como Adolfo Hempel, Henri Potel, Ernest Sixt e Gustavo Dutra - os mestres de história natural como Francisco de Paula Magalhães Gomes e Camilo Vanzolini e alguns outros estudiosos desses ramos, sem contar os amigos, conhecidos e colegas de antigas e colendas instituições estrangeiras da Inglaterra, da Ale-

manha e da Suíça.

Eram esses os seus familiares, os familiares cientistas com os quais se entendia, homens que falavam a sua língua. Nem era possível que com a maioria da nossa gente, trêfega, vivaz, amiga de pequenos e fáceis estudos e investigações, esse homem de formação intelectual tão séria e aspecto externo tão descuidado se entendesse e confraternizasse. O aspecto externo de "Nho Zé de Campos", como era conhecido, ressentia-se dessa atividade intelectual e dos seus pendores artísticos, ora enfiado na sua casa de solteirão, ora mergulhado em estudos altos, voando em céus distantes: baixote e gordo, com o rosto a terminar em papadas, enconradiças em pessoas da sua família, eternamente embutido num fraque escuro, às vezes de colarinho aberto ou sem colarinho, carregando embrulhos e livros nos quais ia o seu cibo espiritual indispensável, a figura externa, por tudo iso, fazia pensar naquele pesquisador de coisas antigas, o "tremendo Topsius" que Eça de Queirós criou na "Relíquia", encaixando-o naquela excursão pelo Egito e pela Terra Santa em pesquisas de uma obra conspícua que seria a "História dos Lágidas" para completar uma outra, a "História dos Heródes", demonstrando nessas predileções o espírito ancestral de investigação que já se evidenciara num bisavô que "escreveu um famoso tratado em oito volumes sobre a expressão fisionômica dos Lagartos"...

Nho Zé de Campos era dessa estirpe e só se dava bem e se entendia com cérebros desse feitio, capazes de consumir uma existência no estudo e classificação de uma raiz, de uma essência vegetal, de uma variedade de pólen. Seus conhecimentos de botânica eram am-

plos e profundos. Ao tempo da fundação do "Centro", nos seus primeiros anos de atividade, quando a sede era franqueada a leituras e a frequência dos alunos das escolas, em particular os do Ginásio do qual eram professores Bierrenbach, Coelho Neto, Gustavo Enge, Magalhães Gomes, Álvaro Miler e Manuel Agostinho Lourenço (português, nascido em Gôa, e na regência da cadeira de física e química), mestres esses que pertenciam ao grupo dos fundadores - tanto nos deleitávamos com a prosa e as exposições orais brilhantes e variadas de Bierrenbach e de Coelho Neto, quanto evitávamos as dissertações e ensinamentos de Nho Zé, que frequentemente por ali aparecia carregando folhas, ramos e flores a pedir a classificação delas, seu tipo, sua família e espécie. E sua linguagem, nessas sabatinas, era de um pitoresco in comparável:

Você aí, "sêo "Néco", me responda: de que flor é este pistilo? E se, por bamba, o interrogado acertava, investia sobre outro:

- "E isto aqui o que é - raiz ou caule?" - E desatava a rir com a ignorância do interrogado.

Ora, nós, alunos, frequentávamos o "Centro" para ler jornais e saborear o seu café noturno, que era de ótima classe e de magistral torração, e aceitávamos palestras variadas, mas não lições de coisas, dadas naqueles flagrantes, pois de tais cogitações andávamos, geralmente, saturados. Por isso fugíamos dele a sete pés. Só nos aproximávamos quando Campos Novais se sentava ao piano e se dispunha a executar uma página musical. Conhecia teoria musical, harmonia e contraponto como os mais abalisados professores de Conservatório.

Como pianista, entretanto, seu aspecto, sua aparência orçava quase pelo grotesco; gordo como era e muito míope, equilibrava o corpo no mócho bamboleante para enxergar a partitura. Os óculos escorregavam-lhe pelo nariz, e ele era forçado a acomodar a armação com uma das mãos, sem perder o equilíbrio no assento e sem se distanciar muito da música. Tinhas as mãos gordas, pequenas e polpudas, e mal abarcava uma oitava; para tocar, ia "beliscando" as teclas, impotente em dar execução satisfatória a páginas que conhecia com perfeição e cujo sentido, significação e história seria capaz de explicar como ninguém o faria mais seguramente.

Campos Novais fez os preparatórios no velho "Culto à Ciência", de Campinas, de 1877 a 1879, quando era diretor o dr. Francisco Xavier Moretzsohn e ali cursou as aulas do mesmo dr. Moretzsohn, de Henrique de Barcelos, de Amador Florence (filho de Hércules Florence), João Bentley e Antonio Martins Teixeira. Não foram, porém, esses professores os que mais funda impressão lhe deixaram, como ele próprio viria a confessar mais tarde: foram Azarias Dias de Melo, mestre de banda, seu professor de música, flautim e flauta e o grande, o insígne Joaquim Correia de Melo, o "Quinzinho da Botica", naturalista que, do seu museu particular e do seu curso privado mantinha comunicações com os maiores institutos científicos europeus e com os grandes mestres de história natural e de botânica. Novais tinha, sem dúvida, propensão para aqueles estudos e a erudição sólida de Correia de Melo, a forma simples e lhana das suas explicações e a doçura com que falava e ensinava, grandes e pequenos, deixaram no espírito do estudante gorducho, filho de família rica, uma indelével-

vel impressão. Com Azarias de Melo o mesmo aconteceu: professor modesto e eficiente, de condição humilde não só preparou os alunos do "Culto à Ciência" no solfejo e no manejo dos instrumentos de sopro, como lhes infundiu gosto pela música e atração por exercícios em conjunto da "bandinha da casa", na qual entravam Joaquim Álvaro de Sousa Camargo, 1º pistão; Arthur Sampaio, 1º clarinete; José de Campos Novais, 1º flauta; Eduardo Pompeu do Amaral, 1º saxofone; Antonio de Pádua Sales, 1º saxe; Euclides Egídio de Souza Aranha, trombone e Silvano Ferreira Pacheco, bombardino.

Completando os preparativos, prestou exames no antigo Curso Anexo, o afamado "curral dos bichos" e, com aprovação plena nalgumas cadeiras e simples nas demais, matriculou-se na Faculdade de Direito em 1880. Com ele vieram outros colegas de Campinas, que aqui também iniciaram o curso de Direito: Antônio Lobo, Antônio de Pádua Sales, João Nepomuceno Nogueira da Mota, Adolfo Correia Dias, Francisco de Assis Barros Penteado, Tito de Sousa Rodrigues, Luís de Campos Sales, José Pereira de Queirós, Antônio Celestino Soares, Francisco de Campos Andrade Junior (primo de Campos Novais) e alguns outros. O curso jurídico foi feito com pouco esforço, e escasso aproveitamento e Campos Novais, que procurava aperfeiçoar-se mais no estudo do piano e da música, do que nas cadeiras de romano e civil, foi ficando para trás, com duas "bombas", e só se bacharelou em 1886. Não era, aliás, o estudo de ciências jurídicas e sociais que lhe tomavam a atenção: moço bem nascido, de gente abastada, grandes fazendeiros que lhe proporcionavam larga mesada, conquistou o canudo de bacharel porque naqueles tempos era título indispensável para uma situação prestigiosa social ou política.

Poucos anos depois seguiu para a Europa e lá mergulhou a fundo nos estudos de música, botânica e outros ramos da história natural; travou conhecimento com grandes mestres, frequentou laboratórios e cursos musicais, abasteceu-se de livros e regressou ao Brasil com a paixão cada vez maior pelos estudos da sua preferência. E nesse rumo, engolfado em raízes, caules, estamês e pistilos, moléstias e pragas vegetais continuou o resto da vida; desse campo só levantava o vôo do espírito para a música, a música em quintessência, com clássicos e românticos alemães e austríacos, com os sinfonistas alemães e franceses, e com os operistas alemães e italianos, já então esquecido completamente do programa de músicas de banda nos belos tempos de solfejo do maestro Azarias. No estudo da música a erudição de Nho Zé era enorme. Abastecido, como estava, de uma biblioteca particular que era, sem dúvida, a maior que aqui até então se conhecia, empregava a atenção bem dividida, entre as raízes e flores que acumulava num quarto da sua casa de solteirão, e as execuções, "a solo", de piano ou flauta em outro quarto, como esses monjes medievais que guardaram opulências musicais no segredo dos seus cenóbios, de onde os executavam com o espírito elevado aos céus em ascensões da alma aos pés do Senhor

As culturas de café da fazenda de que era consócio, essas ele as conhecia pelas rendas que os parentes e administradores lhe mandavam: a parte prática e ativa da exploração agrícola, o trato com os colonos, o trabalho rude das colheitas e do benefício, eram encargos em que ele não se metia. Se lhe davam amstras de café em grão, ou fôlhas da árvore milagrosa, que dava-se a observar nervuras e folículos, escalpelando os frutos e fazendo com os olhos miúdos e piscos de tan

to estudo nortuno, uma espécie de laparotomia exploradora para conhecer as ínfimas partes da polpa.

Mas os tempos viraram e a fortuna da família se desfez. Nho Zé ficou pobre, mas não parece ter dado por isso. Procurou emprêgo e foi acolhido no Instituto Agrônômico, com cujos chefes de secção, de laboratório e gabinete sempre andara fraternalmente ligado. O ordenado era escasso mas lhe bastava.

Residiu, durante longos anos, numa espécie de "república", na rua Doutor Quirino, e depois na rua Lusitana, com José Augusto César e Filipe Gonçalves, que eram solteirões impenitentes com feitio adequado a uma tal convivência. José Augusto César era o catedrático de história universal, que conquistara a cadeira em concurso de raro brilho, sucedendo a César Bierrenbach e veio depois ocupar, também por concurso, uma cadeira na Academia. Filipe Gonçalves trabalhava no fóro e aguçava a veia literária e científica numa livraria reduzida mas de escol. Eram três grandes epíritos que viviam, pode-se dizer, alheios à vida da cidade, da qual só tomavam contáto nas horas de lição da cátedra, de pesquisas, do laboratório ou de expediente no fóro. Nho Zé continuou, sem alteração, nas obrigações do emprêgo e nos seus desconsolados solos de flauta.

Isolado de relações, cada vez mais só, porque os amigos ou se mudaram ou morreram, ficou ele, a final como o sobrevivente de uma ordem de frades descalços que vivesse na sua cela despreocupado da vida agitada da sua cidade natal e sem, mesmo, cogitar da morte que um dia o viria colher. E veio a morte, a 6 de abril de 1942, desatando-lhe o espírito daquele envólucro corpóreo que de certo já muito lhe pesava. Foi direitinho para o céu.

São Paulo, 4-XI-1951